



Como um coral de igreja
mudou a vida de uma família

Casa cheia

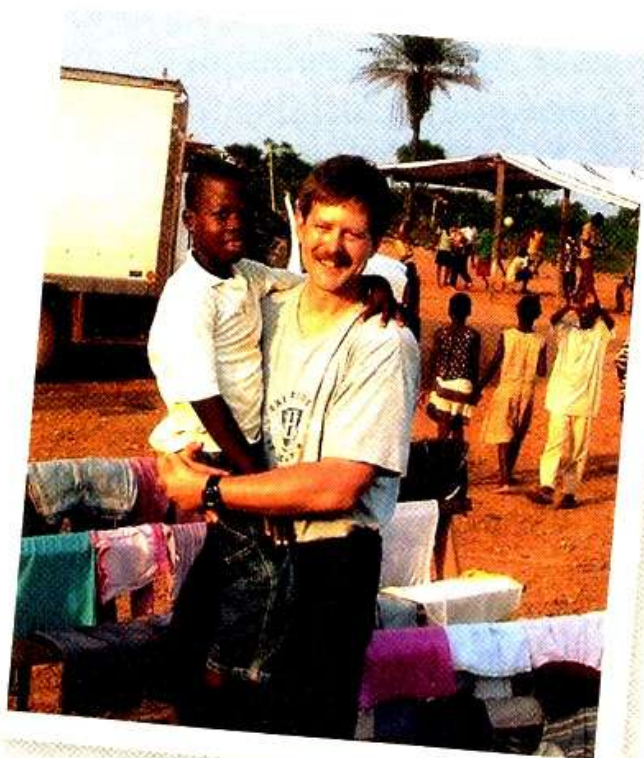
POR ANDREA COOPER

DEBBIE ALEXANDER sentou-se num banco de sua igreja em Weddington, Carolina do Norte. O coral dos meninos da Libéria, que havia um ano percorria os Estados Unidos para arrecadar fundos para seu orfanato, ia começar a cantar. Debbie tinha uma vaga idéia da luta naquele país e imaginava como seriam as crianças de uma terra tão conturbada.

Aos vê-los subir ao palco, Debbie desejou que David, seu marido, também estivesse ali.

Depois de alguns cânticos, o apresentador relatou as adversidades que os meninos enfrenta-

À esquerda: em casa com os Alexanders (de pé): David, Debbie, David (pai), Seeboe; sentados: Teta, James, Joe e Mercy. À direita: David com James, na Monróvia, em 2004.



vam. A guerra civil tinha devastado a Libéria, e famílias inteiras haviam sido massacradas. Os sobreviventes viviam com lembranças de homicídios, estupros e seqüestros. Boa parte do país estava sem eletricidade e água potável.

Durante a turnê dos meninos, o orfanato fora atacado duas vezes. Um cuidador morreu no conflito; três outros foram feridos. Um mês depois, a milícia leal a Charles Taylor, o déspota que virou presidente, invadiu o orfanato. Mais de 400 crianças tiveram de fugir para sobreviver. Adolescentes levando bebês nas costas escaparam para a Monróvia, a cerca de 40 quilômetros. O apresentador do coral foi direto: os vistos dos meninos cantores estavam vencendo e eles teriam de voltar para a Libéria, a menos que fossem adotados.

Talvez fosse o ambiente da igreja, a música ou o olhar naqueles rostos que deram origem às palavras que Debbie ouviu: *É isso que eu quero que você faça*. No entanto, ela acreditou que fosse Deus falando com ela.

Mas Debbie resistia. *Não. Acabei de criar meus dois filhos. Já “cumpri meu dever”*. Com os próprios filhos criados e na universidade, Debbie tinha um sonho de formar-se em psicologia e viajar com o marido, com quem estava casada havia 28 anos. Adotar um adolescente de um país estrangeiro não passava perto de sua lista de prioridades. Após a apresentação, entretanto, viu-se na recepção para conhecer os meninos. *Isso é loucura, pensou. O que estou fazendo?*

Era de cortar o coração ver os meninos, os olhos voltados para o chão. Eles pareciam ter perdido a esperança de que alguém os adotasse. Debbie falou com eles por alguns momentos. Eram retraídos, e seu sotaque, difícil de entender. Não tinha importância. Ela disse ao líder do coral que, se alguns dos meninos não encontrassem família, ela estaria interessada.

Quase sem acreditar no que tinha feito, ligou para o marido – meio na esperança de que ele a convencesse a abandonar aquela idéia louca.

– O que você acharia – perguntou – de adotar dois meninos adolescentes da Libéria?

Houve silêncio do outro lado. Finalmente, David respondeu:

– Podemos falar sobre isso quando você chegar em casa?

O QUE DAVID não contara a ela é que vinha rezando por uma oportunidade de fazer sua vida valer a pena. Precisava fazer algo mais importante.

Quando Debbie falou em adotar os meninos, ele soube de imediato que ali estava a resposta que vinha procurando. Adorava ser pai. Mas... e Debbie? Seria mãe novamente?

Em 30 de outubro de 2003, a decisão foi tomada. No fim daquela tarde, Debbie reuniu-se com os meninos para um almoço. Seeboe, 13 anos, andava em torno dela, rindo e conversando, muito à vontade. David, da mesma idade, também atraiu sua atenção. Todas as vezes que Debbie



Todos têm tarefas. Teta ganha um abraço por ajudar com as roupas.

olhava, David sorria timidamente. Ela terminou o almoço sabendo que havia dois que queria adotar.

O marido foi ao encontro dos meninos dois dias depois, junto de várias outras famílias. O local era um parque, e David percebeu que os meninos se afastavam do jogo de futebol para empurrar os balanços ou o carrossel com as crianças menores. *Que bom caráter eles têm*, pensou.

Mas ainda havia duas pessoas importantes a quem contar: os filhos biológicos do casal, Josh, 19 anos, e Matt, 21. David ligara para os filhos no início da semana a fim de falar da possibilidade da adoção. Matt e Josh

ficaram preocupados. Em seu trabalho voluntário com alunos do ensino médio, Matt via o quanto a sociedade americana ainda estava influenciada pelo racismo. Ele temia que os pais sofressem. O que os parentes e os amigos diriam de uma família branca adotar duas crianças negras?

Na manhã seguinte, o responsável pelo coral ligou para dizer a Debbie que o orfanato aprovara a adoção. Cheia de alegria, ela correu pela casa para acordar David e lhe contar as boas novas.

AS SEMANAS seguintes foram confusas, com David tratando da parte legal e Debbie reorganizando a casa para acomodar os filhos. Então veio a hora de reunir os quatro rapazes. Todos estavam ansiosos. Os meninos liberianos falavam devagar, a maior parte do tempo “sim” e “não”. Aos poucos, começaram a se interessar uns pelos outros.

Quando chegou o Dia de Ação de Graças, David e Seeboe já faziam parte da família. No Natal, entretanto, o pai percebeu um toque de tristeza. Talvez essa data os fizesse lembrar de suas famílias, perdidas e deixadas para trás. Quando Seeboe tinha 2 anos, seus pais haviam morrido por ferimentos a bala, e os pais de David morreram quando ele tinha cerca de 7 anos. Certamente, o Natal também os fazia lembrar do restante da família. David tinha duas irmãs – Mercy, 15 anos, e Teta, 11 – e um irmão, James, 8. Seeboe não tinha irmãos bio-

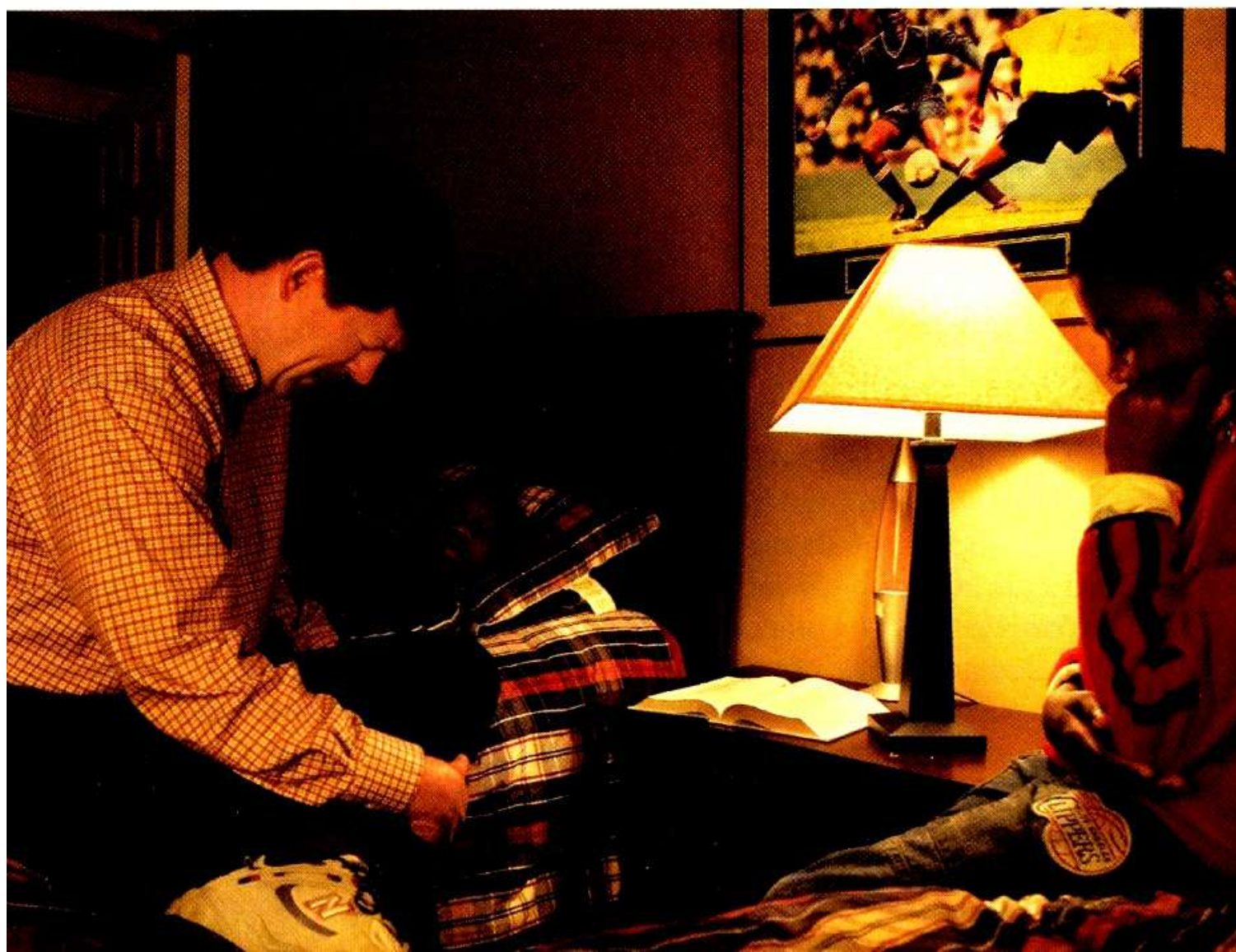
lógicos, mas havia Joe, 13 anos, um “irmão de sangue” dado a ele pelos cuidadores do orfanato.

Uma idéia começou a surgir na cabeça de David. Mas Debbie foi incisiva: “Nem me fale nisso!”, disse quando David sugeriu que adotassem mais quatro. Pelos dois meses seguintes o marido continuou a falar no assunto. Irmãos e irmãs precisam estar juntos, insistia ele. Debbie, que ficaria com a maior parte do trabalho, dizia que não. As implicações financeiras eram enormes: só os custos com a universidade significavam que ela e David teriam de repensar seus planos

À noite, David reza com as crianças – aqui, com James e Joe.

de aposentadoria. E, no momento, Debbie estava assoberbada com as questões práticas e financeiras imediatas. Seus novos filhos nunca a pressionavam, embora os telefonemas para a Libéria fossem difíceis para todos. Num deles, Mercy pediu para falar com Debbie. “Ah, mamãe”, disse. “Estamos tão felizes que David tenha um lar! Obrigada por cuidar dele. Nós a amamos muito por ter adotado nosso irmão.”

Debbie ficou emocionada. A menina estava tão feliz, sem um traço de ciúme ou malícia. Debbie continuou pensando nela: dois seguros e bem cuidados, e os outros vivendo numa terra de horrores. Talvez criar seis filhos não fosse tão difícil assim...



Em março, David e Debbie decidiram adotar Mercy, Joe, Teta e James. Josh, seu filho biológico mais novo, não podia acreditar. Estava começando a construir um relacionamento com David e Seeboe e, agora, os pais resolviam adotar mais! Será que pensavam em adotar o mundo todo?

EM ABRIL, David e o filho Matt foram à Libéria. O país estava mais devastado do que David imaginara. Os edifícios perfurados por marcas de tiros. Na estrada para a Monróvia oficiais de controle da ONU verificavam as credenciais dos motoristas.

Mas as crianças eram encantadoras. Desde o momento em que se encontraram, as quatro se penduraram nos braços dele e de Matt.

David imaginou que era porque sabiam que ele tinha vindo para adotá-las. Mas Mercy ficou surpresa quando ele perguntou: “Você está feliz por ser adotada?” Não haviam contado a ela nem às outras crianças o motivo da visita. Naquela noite, Mercy caiu em prantos no dormitório.

– Qual é o problema? – perguntaram as meninas que dormiam no mesmo quarto.

– Nada – disse ela. – Há anos venho rezando toda noite por uma família. E agora tenho uma.

David ligou para casa e contou a Debbie: “Essas crianças são lindas, doces e maravilhosas. Vai levar meio segundo para que você se apaixone por elas.” Embora as autoridades li-

berianas tivessem aprovado as adoções no último dia da estada de David na Libéria, os detalhes da imigração ainda não haviam sido concluídos nos Estados Unidos. As crianças não podiam voltar com ele.

Antes de partir, David as chamou para uma conversa. Contou a todas, uma de cada vez, o quanto elas eram amadas e especiais. No fim, Teta e James se aninharam em seu colo e choraram até adormecer. Levou cinco meses para as autoridades americanas concluírem o processo de adoção e imigração. Debbie e David telefonavam para os filhos toda semana, às vezes tentando por quatro horas antes que a chamada fosse completada no precário sistema telefônico da Libéria. As crianças imploravam: “Papai, quando você chega?”

David assegurava às crianças que estava fazendo tudo o que podia para agilizar o processo. De certa forma, Debbie estava aliviada por não virem tão rápido. Ela se recordava de que, quando estava grávida, tivera nove meses para se preparar para um novo filho. Agora, dispunha de pouco tempo e vinham quatro de uma só vez. E, frequentemente, se perguntava se tinha feito o que era certo.

Os vistos foram concedidos em setembro. David e Debbie foram a Washington, onde as crianças chegariam. Esperaram por quatro horas, câmeras nas mãos, para as crianças passarem pela Imigração e a Alfândega. Um detalhe com o qual não precisavam se preocupar era a bagagem. As crianças chegaram só com a roupa

do corpo. As outras roupas foram deixadas para os outros órfãos.

COM A FAMÍLIA tendo crescido para 10 membros em setembro de 2004, Debbie Alexander descobriu que as dificuldades eram maiores e as alegrias mais fortes do que jamais imaginara. Os novos filhos corriam pela casa como crianças pequenas, brincando com os botões dos aparelhos eletrônicos, que nunca tinham visto antes. E ficavam encantados com os pequenos confortos: uma banheira com água quente, uma máquina de lavar roupas... A primeira vez que andaram de elevador foi uma festa.

As diferenças culturais também eram um desafio. Depois de vivenciar uma guerra, a morte dos pais e a permanência numa casa onde havia apenas um cuidador para 40 ou 50 crianças, os meninos tinham aprendido a reprimir as emoções. Fizeram terapia com um psicólogo infantil, e David e Debbie as incentivavam a expor seus sentimentos. Cada uma foi se abrindo a seu tempo. Um dia, Mercy contou aos pais o medo que sentira no ataque ao orfanato. Com 15 anos, ela pediu a Deus que lhe desse forças caso fosse seu momento de morrer.

As crianças tiveram de aprender os hábitos americanos, como, por exemplo, não entrar na casa dos vizinhos sem bater. Uma vez, quando

aconteceu uma briga, Debbie enfileirou os seis no sofá e começou um sermão. De repente, um policial bateu à porta. Debbie pensou que os vizinhos tivessem chamado a polícia. Não, explicou o guarda, é que alguém naquele endereço fizera uma ligação para o número de emergência e desligara. Ele queria saber se estava tudo bem. Debbie descobriu que James, tentando ligar para um amigo, discara por engano 911. Não é preciso dizer que o telefone foi proibido até que ele aprendesse a usá-lo.

As diferenças raciais se faziam sentir de maneira sutil. Estranhos às vezes ficavam pasmos quando viam a família reunida. A primeira vez que Debbie e os meninos foram à barbearia, todos os barbeiros ficaram mudos. Mas até agora eles passaram apenas por um episódio mais constrangedor de racismo. Durante umas férias da família, um estranho gritou um nome ofensivo. Josh e Matt ficaram lívidos com o insulto. Embora se sentissem ofendidos pelo xingamento, os meninos liberianos viram que seus irmãos os protegeriam.

No orfanato, as crianças não tinham opções. Nos Estados Unidos, elas têm até demais. O país é tentador, confuso e frustrante. Mas, em sua nova terra, com sua nova família, cada criança agora é livre para imaginar um futuro de possibilidades.

SINAL DOS TEMPOS

Perdôo a todos que me ofenderam, mas guardo a lista com os nomes.

VALDO ADERALDO, O Povo (Ceará)